

**DO NEGRO À NEGRITUDE;
SIGNIFICAÇÃO DO TEATRO HISTÓRICO DE AIMÉ CÉSAIRE 1**

Euridice Figueiredo Lethbridge

Há fundamentalmente dois tipos de herói na obra teatral de Aimé Césaire: o herói que detém o poder político e o que ainda luta para conquistá-lo, eventualmente. No primeiro se situam Christophe (de *La tragédie du roi Christophe*, 1963) e Lumumba (de *Une saison au Congo*, 1967), e no segundo, Metellus (da *Tragédie du roi Christophe*), Caliban (de *Une tempête*, 1969) e o Rebelde (de *Et les chiens se taisaient*, 1946).

Os problemas que cada tipo de herói enfrenta se apresentam de forma bastante diferente, pois se encontram em fases diferentes de luta. O corte histórico não corresponde necessariamente à divisão tipológica estabelecida, já que podem coexistir, no mesmo momento histórico, dois tipos de herói, que, por não estarem de acordo, se colocam em posições diferentes.

Christophe e Lumumba são dois chefes de Estado cujo objetivo é construir uma nação. Isto define a personagem, pois não se trata tanto de independência formal, conseguida no Haiti por Toussaint Louverture bem antes da ascensão de Christophe ao trono, e por Lumumba na sexta cena do primeiro ato (portanto no meio do 1º ato, que tem 13 cenas), mas do esforço titânico de edificar um país. As dificuldades são inúmeras: as pressões estrangeiras, os conflitos internos e a própria postura de um povo que tinha sido escravizado (no Haiti) e colonizado (no Congo).

A ação de ambos se situa em épocas diferentes, mas num mesmo processo histórico: a descolonização da América Latina no começo do século XIX e da África na segunda metade do século XX. E o mais surpreendente: a situação não se modificou muito, pois Lumumba enfrenta tantos (ou mais) problemas quanto Christophe.

Césaire, falando da *T.R.C.*, explica a importância que dá à construção do país:

1 Dissertação de Mestrado em Literatura Francesa. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2º semestre de 1978.

O plano, ao mesmo tempo mítico, histórico e político, parece-me favorável à introdução do problema que se coloca para a África de 1961, a descolonização. Com efeito, depois da revolução, o rei Christophe tomou a chefia do país e seus fracassos demonstram que é mais fácil conquistar a sua independência do que construir um mundo sobre novas bases.

Este tipo de herói corresponde fundamentalmente ao *homo faber*, o que faz a história como chefe, como arquiteto, já que detém as rédeas do poder. Sua ação de rei (Christophe) ou primeiro-ministro (Lumumba), representada simbolicamente pelo cetro, corresponde a uma forte masculinidade presente nas duas personagens. Conforme Durand, deve-se juntar à "elevação monárquica a noção edípica de Deus-Pai, de Deus grandemacho". O papel de chefe, de protetor do grupo sempre é representado pelo macho procriador, elemento comum a Christophe e Lumumba. Em oposição a estes, seus inimigos são desvirilizados como Pétion na *T.R.C.* (traído por sua amante, caracterizado como a mãe que mimou demais o filho, e com "couille molle") ou criticados, como Mokutu (*Une saison au Congo*) que aparece pela primeira vez com andar de caftan (um homem que prostitui seu país).

O herói masculino torna-se trágico porque fracassa e o seu próprio fracasso é a confirmação e o reconhecimento da necessidade do absoluto que tinha se proposto. Segundo Hegel, "os heróis trágicos eram os que tinham vindo tarde demais", mas para Kott, também "os que vieram cedo demais, os que quiseram em vão acelerar a história, são igualmente heróis trágicos". Este tipo de herói evoca os atuais líderes africanos, suas lutas, erros e acertos, pela formação dos novos estados independentes.

A primeira característica que ressalta em ambas as personagens é justamente o profetismo, cujo reverso da medalha seria a excessiva impaciência. O profeta de um lado faz avançar a história e de outro, está condenado ao fracasso. Césaire coloca os dois aspectos da questão, que é uma maneira de dialetizar a personagem, torná-la mais complexa e mais humana. E também maneira de recusar a dar uma resposta definitiva ao problema. Tal como Brecht, Césaire faz-nos pensar nas alternativas que o herói tem, ou na falta de escolha que o obriga a tomar a única saída possível naquele momento preciso da história. Ambas as personagens são tragicamente desmedidas, mas sua hubris é proporcional à missão que têm pela frente.

Há duas imagens na *T.R.C.* particularmente interessantes. Christophe é comparado por sua mulher a uma figueira, que, com seu gigantismo, destrói a vegetação à sua volta. Resta-nos a dúvida de Madame Christophe: não terá ele, no seu radicalismo, no seu desejo exacerbado de fazer tudo rápido demais, retardado ou atrapalhado o processo de formação do Haiti?

Christophe, em outra imagem, considera necessário passar pela lama, ou seja, atravessar o lodo histórico em que o país se encontra. Ora, um camponês observa sabiamente que é melhor contornar a lama... Não entanto, Christophe desconhece a sabedoria popular porque perde o contato com o povo, isolando-se cada vez mais.

Lumumba, ao contrário, está mergulhado no meio da massa e aí permanece até o último instante. Engana-se, entretanto, porque sonha com uma maturidade política que o povo não tem, e nem poderia ter, naquele momento histórico. Sua inconsciência e seu orgulho levam-no a julgar erroneamente os fatos, a idealizar a situação. Uma cena importante na peça, pelo seu valor simbólico, é quando recusa a pele de leopardo (que Mokutu veste na última cena). Césaire explica o seu sentido:

O que ele recusa é a sacralidade, a realeza tradicional. Este gesto só tem um valor político, e não social. (...) Com este gesto, Lumumba surpreende e decepciona o seu povo, que não o compreende. Isto marca uma virada decisiva da peça, pois em seguida Lumumba fracassa. (...) Ele estava muito à frente do seu tempo, muito distanciado da realidade para poder vencer. Falta-lhe realismo, pois não faz concessões ao tempo, aos lugares, às pessoas.

Este tipo de herói cesairiano nos faz pensar na personagem brechtiana, que Walter Benjamin chama de "herói surrado", em oposição ao "herói positivo", personagem total, que resiste impávida aos golpes da fortuna adversa. O "herói surrado" é aquele que hesita, comete erros, luta, é quase sempre vencido, tendo, portanto, uma dimensão humana ainda que a sua luta seja heróica e trágica. O "herói surrado" seria o contrário do herói mítico, monumental. Sua vocação heróica não é fruto de predestinada "fortuna", mas de escolhas pessoais, de circunstâncias históricas, enfim, de decisões humanas e históricas.

Ao chefe do Estado, herói dialetizado, se opõe um outro tipo de herói: o guerrilheiro, revolucionário clandestino que se aproximaria, por sua pureza, do herói mítico ou positivo.

O guerrilheiro se rebela contra o poder dominante, vive num mundo subterrâneo, portanto, sua luta se caracteriza por sua ilegitimidade (do ponto de vista oficial) e se diferencia da luta de Christophe e Lumumba, governantes que já conseguiram instaurar uma nova ordem, portanto, uma nova legitimidade.

Caliban é o revoltoso negro que conspira contra Prospero (na peça *Une tempête*, adaptação de *The tempest* de Shakespeare), o branco que aporta no continente americano e representa o colonizador. O Rebelde, herói de *Et les chiens se taisaient*, também se revolta contra a ordem bran-

ca — a escravatura — matando o seu amo. Metellus, da mesma forma, se rebela contra o sistema vigente, mas desta vez trata-se do governo representado pelo negro Christophe. Várias diferenças os separam, o que leva um a se insurgir contra o outro naquele momento histórico.

Ao contrário do Chefe de Estado, o revoltado não se caracteriza por sua virilidade. Matellus e o Rebelde (pelo menos na versão de 1956 da peça) são praticamente assexuados e têm uma relação sacrificial com a Terra-Mãe, e guerreia com a Virgem-Esperança. No caso de Caliban não existe propriamente referência sexual, a não ser na cena em que Prospero o acusa de lubricidade, no que Caliban o refuta com acusação análoga, dizendo que Prospero exprime na realidade suas próprias idéias libidinosas e incestuosas (aliás, Mannoni em sua *Psychologie de la colonisation*, fala de um “complexo de Prospero” justamente com este sentido).

Este tipo de herói seria, dentro do triângulo edipiano, o Filho (da Mãe Telúrica) em oposição ao Chefe de Estado, que se associa ao Pai. O Rebelde é chamado de “filho”, Caliban é filho de Sycorax, da qual recebe a cultura, e Metellus se define como filho da mãe Haiti. Todos os três se opõem a um Pai-Padrasto colonizador e branco, que os quer eliminar. É através da revolta contra o Pai-Padrasto que o herói fertiliza a Mãe-Telúrica.

Podemos afirmar que Metellus e o Rebelde são fundamentalmente heróis agrários, ainda que ambos tenham tido uma práxis que os define também como *homo faber*. No entanto, o traço dominante é o aspecto sacrificial, do mesmo modo que no caso de Lumumba há também o sacrifício agrário, mas predomina o *homo faber*.

Caliban se distancia das outras personagens porque é o único que permanece vivo no fim da peça. Entretanto, tem características comuns aos outros, relação privilegiada com a Terra, definindo-se como o homem cuja cultura está em harmonia com a natureza, irreverência, radicalismo, fé na sua luta, etc.

O herói clandestino é votado ao sacrifício agrário, assexuado, fecundando a Terra com sua vida, tornando-se a semente ao contrário do Chefe de Estado, *homo faber*, macho que copula com a Terra.

Esta ambivalência é sintetizada ao fim da *Tragédie du roi Christophe*, após a morte de Metellus e Christophe. Os dois tipos de herói — ou as duas faces do herói — (“biface”) são aí reunidos: paciência/impaciência, derrota/vitória, armas/lágrimas, noite/dia. Metellus, caracterizado pela paciência agrária da semente, que, jogada à terra, espera a estação propícia para desabrochar, e lentamente, cresce, floresce, frutifica, e Christophe, a impaciência de quem empurra a história.

De maneira muito característica, Sartre define a negritude como uma androginia:

Esta religião espermática é como uma tensão de alma equilibrando duas tendências complementares: o sentimento dinâmico de ser um falo que se erige e aquele mais surdo, mais paciente, mais feminino de ser uma planta que cresce. Assim a negritude, na sua fonte mais profunda, é uma androginia.

O teatro de Césaire, com seus diferentes tipos de heróis, percorre toda a história do negro. Na sua primeira peça, *Et les chiens se taisaient*, rememora o passado mítico da raça, passando pela escravidão até o sacrifício do Rebelde. A sua revolta remete fundamentalmente a uma época passada: chegada dos brancos, conquista dos negros pelas armas e pelo Evangelho, o tráfico, o navio negreiro, as torturas e as humilhações. A revolta do Rebelde corresponde à fase de luta de Toussaint Louverture, um antigo escravo que dirigiu a luta pela independência do Haiti no começo do século XIX e sobre o qual Césaire escreveu um ensaio. Toussaint foi o precursor de todas as lutas negras; aquele que ousou desafiar os generais de Napoleão e que acaba traído e morre prisioneiro na França. Toussaint (e o Rebelde, cuja vitória é porém mais mítica que histórica) encarna a revolta e a vitória contra a escravidão e a colonização, etapa já ultrapassada. É por isto que Césaire, a uma questão de R.E. Harris, explicou que não quiz fazer a peça seguinte sobre Toussaint porque não desejava se repetir.

Entretanto, ele vai se repetir, de certa forma, escrevendo a *Tragédie du roi Christophe* e *Une saison au Congo*, pois ambas tratam do problema principal do negro no século XX: a descolonização. Tanto Christophe quanto Lumumba se encontram no centro de uma história que se passa num espaço-tempo preciso. O autor mostra, através de seus heróis, o peso de ter um Estado a construir. A ambição, o idealismo, o gigantismo, o fracasso e a morte de seus heróis são a expressão de uma realidade muito próxima de todos os que sucumbiram no exercício desta tarefa nos últimos tempos.

O Chefe de Estado é uma personagem que tem de enfrentar as dificuldades oriundas da contradição que existe entre suas proposições e a realidade de seu povo e de seu país. Assim, este tipo de herói é mais dialético, porque menos puro. Césaire, enquanto poeta e político (é maire de Fort-de-France, Martinica, e deputado na Assembléia Nacional da França), deve sentir na carne a distância que há entre o desejo poético e a realidade do homem público.

Já *Une tempête* trata da relação colonizador-colonizado num sentido mais geral. Vagamente situada na América, a peça mostra duas atitudes diferentes do colonizado frente ao colonizador: a assimilação da cultura branca por Ariel, que ascende à dignidade de homem livre pela magnanimidade do amo, e a recusa da cultura européia por Caliban, que se revolta e luta contra o branco até o fim. Como no resto de sua obra, Césaire

não dá solução. Ainda que Caliban seja conotado mais positivamente que Ariel, isto não implica que na realidade o negro deva recusar a cultura branca. No fundo, trata-se de uma reflexão filosófica sobre o entrecchoque de duas culturas, com dominação de uma delas pelo uso da força. Em última instância, este seria o problema crucial do negro e das culturas do terceiro mundo atualmente: de saber o que preservar de sua própria cultura e o que assimilar da cultura branca, ocidental e cristã.

A obra dramática de Césaire se articula à maneira de um tríptico: na primeira aba uma revolta do passado (*Et les chiens se taisaient*), no centro, o problema presente da descolonização e da construção do Estado (*Tragédie du roi Christophe* e *Une saison au Congo*) e na terceira parte, a reflexão sobre o choque de culturas (*Une tempête*), que é o problema futuro a ser resolvido por negros africanos e americanos.

É como se o autor tivesse tido necessidade de exorcizar o trauma histórico da escravidão, pela afirmação de uma negritude revoltada. Num segundo momento, trata-se de uma negritude construtora, que corresponde à realidade do seu próprio tempo, e na última peça, uma projeção para o futuro, uma interrogação: como será resolvido o problema político, mas principalmente cultural, do negro?